



LÍMIA

Revista mensal
ilustrada de letras,
ciencias e artes

Antonio Carneiro
1910

N.º 1.—Série 1.ª.—Outubro de 1910.—Director, João da Rocha.—Redacção e Administração, rua de S. Sebastião, 107.—Composta e impressa na tipografia de André J. Pereira & F.º, Rua de D. Luís.—Propriedade da empresa da *Límia*.—Viana-do-Castelo. • • • • •

LÍMIA

Revista mensal ilustrada de letras, ciências e artes

VIANA-DO-CASTELO—(Portugal)



Sumário do n.º 1

- Capa—desenho de António Carneiro.
- I—*Virginie des Maldives*, por Bruno (José Pereira Sampaio).
- II—*Vilejatura*, desenho de Cristiano de Carvalho.
- III—*Montanha* (versos), pelo dr. João de Barros.
- IV—*A casa de Gonçalo Velho* (com gravuras), pelo dr. Manuel Monteiro.
- V—*Tipos do Minho*, desenho do dr. Verjílio Ferreira.
- VI—*Areais em flor* (versos), por Júlio Brandão.
- VII—*Máximas e provérbios*, por Antero de Figueiredo.
- VIII—*Contrastes*, desenho do dr. Luís Felípe.
- IX—*Abitações castrejas do N. de Portugal*.—*Uma hipótese da sua reconstituição* (com gravuras), pelo dr. F. Alves Pereira.
- X—PANORAMA: O rádio puro; O busto de cera do Museu de Berlim; A exposição de Bruxelas; Alberto Vandal; Kainz; Frémiet; Estudos istóricos na Espanha; Tratamento da sífilis.
- XI—VÁRIA: Consiglieri Pedroso; «Colégio Nacional», de Coimbra; A ortografia da «Límia».
- Vinhetas de Cristiano de Carvalho.
Fotografias de Jacinto Alves.
Gravuras das oficinas de Cristiano de Carvalho.

TODA A COLABORAÇÃO É SOLICITADA

Os escritos e os desenhos publicados são de absoluta responsabilidade dos seus autores, a quem é dada a máxima liberdade de pensamento,—ficando, por isso, a revista franqueada a discussão.

Será respeitada a ortografia dos colaboradores que no-lo recomendem

Não é permitida a reprodução das gravuras e dos artigos insertos na «Límia», sem prévia autorização

Pede-se o envio das publicações que façam qualquer referência a esta revista

PREÇOS DA 1.ª SÉRIE

Assinatura — (seis meses)

Portugal e colónias—320 réis.

Brasil (assinatura directa)—2.500 réis (m. bras.)

Outros países da América do Sul—5 ps.

Espanha—3 ps.

França—4 fr.

Nos restantes países—5 fr.

Número avulso, em Portugal—80 réis

Pagamento adiantado. Despesas de cobrança por conta do assinante

Dirijir a correspondência para

«Límia» — Viana-do-Castelo—(Portugal)

Série 1.ª — Tomo I

VIANA-DO-CASTELO
(Portugal)

N.º 1 — Outubro, 1910



Director:

JOÃO DA ROCHA

Redactores:

JOÃO PÁRIS — CLÁUDIO BASTO

Secretário:

ALBERTO MEIRA



Virgínie des Maldives

COMPRA
R. 178256

NESTE corrente ano de 1910, saiu em Paris, já em segunda edição, e fazendo parte da série das publicações do *Mercúrio de França*, um volume interessante, de trechos soltos, compreendidos pelo lindo rótulo comum de *Portraits tendres et pathétiques*. Seu autor é o snr. Edmond Pilon; e a terceira dessas composições tem o título deste artigo.

Trata-se de um naufrájo, em cujo orror se entretece romanescamente um episódio amoroso. O fundo istórico da sua invenção novelesca tomou-o o snr. Pilon do n.º 15 («Naufrájo do navio francez *le Duras*, no mar das Índias, perto das ilhas *Maldivas*, em 1777»), o qual se encontra no tomo 3.º da *Histoire des naufrages, par M. D... , Avocat* (Paris, chez Cuchet, libraire, An III.º de la République).

O snr. Pilon cita esta obra pelo título de *Les Naufrages célèbres* e atribui-a a P. Dantreygas; mas o seu autor foi J.-L.-H.-S. Deperthes, consoante está registado em Barbier, tomo 5.º, da ed. de Olivier Barbier, René et Paul Billard, páj. 759, e em Quérard, tomo 1.º, páj. 843, edição de Brunet et Jannet e das adições deles. Os trechos citados não apresentam também um rigor exacto e conforme. Logo na divisa jeral da narrativa do snr. Pilon: «Le récit d'un voyage désastreux, où l'on voit deux femmes jeunes et délicates se conduire en héroïnes etc.». E na *Histoire des naufrages*, muito mais coadunantemente com a realidade istórica: «Le récit d'un voyage désastreux, où l'on voit une femme jeune et délicate se conduire en héroïne etc.».

O que á de particular nesta relação de naufrájo é a oferta que faz o rei das Maldivas de casar com as duas francezas naufragadas, oferecendo-lhes um trono, que elas recusam, todavia: «Le roi, avant de quitter ces dames, fit pressentir leurs dispositions sur le cas qu'elles pourraient faire d'un trône qu'elles partageraient avec lui; mais elles donnèrent une réponse négative, et s'embarquèrent, le 15 mai (1777) sur la *Bretagne* commandée par M. le Termillier. Elles arrivèrent à Pondichéry avec M. de Vaujas et M. du Saussois.» O snr. Pilon cita este trecho de P. Dantreygas, Paris, 1840. Éle se encontra quasi tal qual a páj. 427-428 do tomo 3.º da *Histoire des naufrages*; a palavra *pressentir* foi substituída ao vocabulo *sonder*; introduziu-se a data do ano; e em vez de M. de Vaujas a par com M. du Saussois aparece-nos M. de Barre, o amoroso do contozinho do snr. Pilon, ao qual, da concupiscente proposta injénua do rei desejoso, se lhe sugeriu, naturalmente, o título de «*Virginie des Maldives*».

Ora, o que é curioso é que os reis das Maldivas tem, ao que parece, e de

longo tempo, uma constante e irresistível tendência para casar com europeias, porquanto, antes do de 1777 propor infrutiferamente seu matrimônio logo a duas francesas juntas, o de 1549 o ofereceu e com melhor sucesso a uma portuguesa e, demais a mais, portuense, D. Maria, sobrinha do V. Agostinho da Trindade, cónego secular da congregação do Evangelista, *varão consummado em virtudes e letras*, conforme o regista o padre Agostinho Rebelo da Costa, na sua *Descrição topographica e historica da cidade do Porto*, aí onde, cap. X, discorre acerca das «Mulheres illustres em virtudes, em sabedoria, e outras raras qualidades», —«que, pelos modos, são dons antiquísimos nas damas portuenses», comenta Camilo Castelo Branco.

O escrito de Camilo Castelo Branco, a propósito desta tradição, intitula-se, caracteristicamente, *A rainha das Maldivas*; êle se encontra de páj. 195 a páj. 204 do volume *Scenas innocentes da comedia humana*, Lisboa, 1863. Camilo recorda que o seu amigo António Coelho Lousada acabava de aproveitar para novela o assunto, mas não diz que a anunciara já na capa do seu romance *Na consciencia*. Frisa que tam convidativa lhe parecera a ideia que já na *Rua Escura* do caso fizera êle, de passagem, menção, quando uma Briolanja conta que a sua mãe ouvira falar, «porque a conheceu como as palmas das mãos, pois era rapariga do seu tempo, de uma tal Maria ahí dos Pelames, que foi rainha de Maldiva, que, dizem, é um bom reino lá pelas Índias».

Camilo Castelo Branco dispõe-se, seguidamente, a averiguar em *fonte limpa* notícias que, a propósito, vislumbrem alguma verdade; a «fonte limpa» topa-a no *Oriente conquistado*, do jesuíta Francisco de Sousa.

O citado autor informara que as Maldivas são onze mil ilhetas, muitas delas desabitadas e infecundas; mas Camilo observa que, apesar do cômputo dos jeógrafos, crê tanto nestas onze mil ilhas como nas onze mil virgens.

Para o nosso caso, basta que apuremos que, com efeito, o rei das Maldivas se enamorara de uma menina de *muita virtude e nobre sangue*, com a qual casou, não nos dizendo, porém, o cronista se ela era Maria, se do Pôrto, mas pelo que toca às prosperidades supervenientes a êsse enlace, referindo-nos, em concisas palavras, que «o rei casado... acabou o curso da presente vida em Cochim, velho, pobre e desterrado».

Rematando a recopilação do desfigurado successo, Camilo admoesta e aconselha as damas do Pôrto. «Se era portuense a rainha das Maldivas, não lhe invejem a sorte as suas patricias, êle escreve. Vão mais pelo seguro como até aqui, conquistando não reis desthronados, senão que, para soberanos de suas almas, esses galãs que o paquete traz a ródos das costas africanas para cá, enquanto outros barcos levam d'aqui para lá, a desterro de longos annos e de toda a vida, outros mais nobres miseraveis, que não teriam perdido patria e familia, se podessem negociar a liberdade com o preço de alguns negros.». Isto é o desfecho do que se começou a esplanar na páj. 200 e que envolve uma alusão cruel.

Revertendo à narrativa actual do snr. Edmond Pilon, parece que êste cavalleiro não simpatiza grandemente com nós-outros portugueses.

Quando o rei de Maldiva envia aos náufragos franceses uma embaixada de socorro, ela vem acompanhada de um intérprete *português*. «Un intérprete *Portugais*», é como está na páj. 425 do tómo 3.º da *Histoire des naufrages*. Mas o snr. Pilon entendeu, em sua alta sabedoria, que português é que o intérprete não podia ser. E, de conta própria, mudou-lhe a nacionalidade. Êle passou a ser, pois, um «intérprete *hindou*», que é como está a páj. 271 da 2.ª edição dos *Portraits tendres et pathétiques*.



—Aqueles veem ao campo p'ra descansar!...

(Des. de CRISTIANO DE CARVALHO)

Cuido que o snr. Pilon (que se mostra aliás um literato de talento) não se importa em estrêmo com eruditos acuramentos; reportando-se de Pierre Dantreygas, não reparou, por es., que a edição de 1840 é de Limojes (ed. Ardant), segundo Lorenz (tômo II, páj. 11), e que se dá como um extracto das relações de naufrájos desde o século XV até os nossos dias.

Do que se importou, e bem!, foi da poesia do caso. «O Virginie! Ma petite Virginie-des-Maldives! Ma douce Virginie-des-naufreges!»

A Rainha das Maldivas!

Porto

BRUNO

MONTANHA

a Manoel Monteiro

...E deseja-se o ar da montanha, pairando
Sobre as nuvens, a chuva, a trovoada e a neve,
Ar juvenil e são, reparador e leve,
Onde os astros da noite acordam, scintillando
Com um brilho de soes e um fulgôr sempre virgem!
Para aqui se chegar—quanta dor e vertigem!
—Foi precisa essa doida e severa ambição
De quem procura a inatingível perfeição!
Chagam-se os pés nas rochas duras e cortantes,
Olham-se com saudade os valles repouzantes
Onde é facil viver sem que a morte apavore...
Mas qualquer coisa nos impelle e nos exalta:
—Não podemos parar—que se a montanha é alta
E' para que o desejo aprenda a ser maior!
E que pureza, que tranquillidade e candidez!
A luz não perde nunca a sua limpidez
E mesmo á tarde é uma luz de madrugada.
Qualquer pobre canção de frauta desgarrada
Ganha a força d'um canto e a belleza d'um hymno,
De tal maneira o som é forte e crystalino!
Fica tão longe a terra e tão longe a desgraça
Que o sonho já não muda, a vida já não passa
Entre a paz sempre igual das geleiras eternas!
Ar frio e fino como a agua das cisternas,
Ar do mystico amor e da verdade pura,
Ar do silencio fundo em que a alma procura
Ouvir com mais respeito a grande voz de Pan!
Rompe mais cedo o sol—é mais longa a manhã,
Foge mais tarde a lua—a noite é mais pequena!
E n'este ar de belleza e luz clara e serena
Prende-nos uma honesta e ingenua exaltação:
—Recuperar aqui a perdida illusão,
Reencontrar aqui nossa força desfeita,
E com o olhar que dôma e o gesto que sujeita

Descer para a miseria e para a lucta humana;
Sem luxuria, sem dor e sem inquietação
Dar-lhes a vida sã, o amor que não engana,
E n'algum dia heroico e de prodigio—erguer
Para o calmo ambiente
A Cidade que em baixo é um brazeiro a arder
Na febre de queimar um sonho que nos mente!

Porto, set. 1909

JOÃO DE BARROS

A casa de Gonçalo Velho

DISCRETAMENTE arrumada a um canto do comezinho Largo da Matriz e quasi procurando encobrir-se com a sua sombra pelo receio de que a obtusidade do progresso a descubra, oferece-se, em Viana-do-Castelo, á especial consideração do forasteiro, que tenha o culto da arte, a casa de Gonçalo Velho.

A sua *facies* não tem nada de opulento, nem a sua estrutura íntima encerra complicações.

Arrancando o seu volume quasi cúbico dos banalísimos casinholos adjacentes, alça-se em três arcos de sarapanel, abertos á base das fachadas livres; um soalho, assente em vigamentos de madeira, separa horizontalmente o rés do chão

do piso superior, repartido em vários compartimentos dos quais o mais importante é a sala da frente iluminada pelas duas únicas janelas.

De resto, construção robusta em cantaria de largo aparelho. Mas, não obstante as suas proporções modestas e as suas linhas sóbrias, o venerando edificio do remate da Edade-Média é um notável espécimen da habitação urbana, que os grandes ciclos artísticos nos legaram e que raramente sobrevive em Portugal.

E é notável não tanto pelo que mostra, como pelo que diz.

Não é, porém, o momento oportuno para aqui desfiar as sugestões que a eraldica moradia de outrora suscita.

Importa considerá-la, especialmente e por agora, na sua feição architectural que



(Fot. de Jacinto Alves)

A CASA DE GONÇALO VELHO

se diz flamenga e deriva sobretudo da frontaria, cheia de relêvo e graça, apesar da sua sinjeleza, pela subtil interferência de alguns episódios do mais estrito efeito decorativo.

Os arcos-abatidos, com a aresta boleada, tam francamente rasgados para acolher, sem discrepância, todos os que em trânsito na via pública necessitassem, de imprevisto, de um resguardo contra a chuva ou contra o sol, relembram o vinco de solidariedade e o sentimento ospitalero que determinaram tal morada e ligavam os seus moradores aos seus concidadãos.

Sôbre a arqueadura de asa-de-cêsto corre, em sentido horizontal e a toda a largura da frontaria, um friso que ressalta e acentua esternamente a divisão da parte inferior da parte superior.

O architecto, para desmonotonizar o grande pano de superficie nua, compreendido entre o encurvamento da abertura e aquella barra tórica, colocou ao centro o brazão da familia illustre, amparado por dois jénios, e, a cada lado, uma cabeça de plástica sinjela e serena.

Esta plasticização é bastante para animar o campo raso da silharia despida e larga.

Para o alto e encaixilhadas pelos grandes toros ficam as janelas, que dão luz para o aposento principal.

Ambas são quadrifidas, graças aos maineis cruciferos, e constituem por isso um pormenor específico da suposta influencia estética sob que se ergueu e jestou a velha casa de Gonçalo Velho.

—Será assim?

É difficil responder, por enquanto e com precisão, a semelhante interrogativa. No entanto, ao que parece, a forma de alpendre não é um elemento propriamente determinante do influo da architectura civil da Flandres, consoante se deprende dos trabalhos de Luís Gonse, C. Enlart e outros, assim como o tipo de janelas não é sufficiente para o estabelecer. Certo é que êste foi ali o modelo consagrado e quasi característico, segundo se deduz do que resta das vivendas medievas, subsistentes nas cidades arcaicas, e do que afirmam vários quadros dos primitivos, como João Van Eyck, Thierry Bouts, Memling, Petrus Cristus, Van der Weyden, Mestre de Flemale e outros autores desconhecidos, cujas produções se vêem em Portugal, no Museu Nacional de Belas Artes, na capela do Espírito Santo de Miragaia, etc.

Mas não foi esclusivo dêsse país, porquanto o mesmo episódio architectónico se encontra na Olanda e pela França até ao Languedoc e à Provença, é visível na Itália, a começar da zona alpina, e abundantemente se patenteia nas medievas abitações cidadinas da Alemanha. Circunscrevendo mais a área do seu aparecimento e citando só de memória, lembra-se na Espanha a *Casa de las Conchas* de Salamanca e a parte ojival da venerável sé de Tui, onde ela assume o aspecto de alterosa fortaleza.

Em Portugal mesmo, os dois esemplares do prédio de Gonçalo Velho não constituem paradigmas únicos.

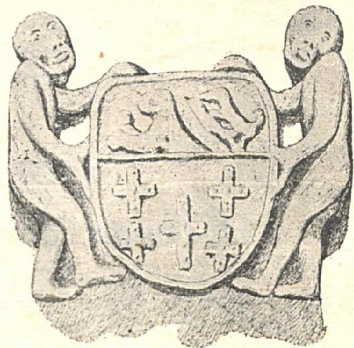
Não.

Embora se desconheçam no centro e sul, outro tanto não succede no norte.

E se cumpre apossimá-los o mais possível do da cathedral galega, mais convém não os desligar dos dos dois palácios do começo do século XV, esistentes em Guimarães e em Barcelos e mandados erijir por D. Afonso, filho natural de D. João I e jenro do Condestável.

À um parentesco entre todos êles, continuado ainda no inicio do século XVI, pelos do gracioso pátio da Rua Nova d'El-Rei, na cidade de Braga.

Do que fica esposto se conclui que não surge tal sistema de janelas anteriormente ao periodo gótico e quinhentista e que não pode atribuir-se incondicionalmente à influencia da architectura flamenga, porque seria necessário admiti-la



BRAZÃO DA CASA DE GONÇALO VELHO

também no reino vizinho e nos outros países mencionados.

Conseqüentemente, salvo se documentos ainda inéditos vierem proclamar a relação do vetusto edificio vianense com a Flandres, o que não seria caso de espanto, êle tem de considerar-se como o produto de uma arte que tinha estabelecidos os seus cânones em dada fase da sua evolução e que era comum aos povos cultos da Europa medieval e do renascimento.

Eis o que de interesse urjia dizer sôbre a casa de Gonçalo Velho, que parece ter visto surgir a aurora do carinho dos omens, os quais até agora a teem desprezado e ultrajado, pois o município, segundo consta, teve a feliz e louvabilíssima ideia cívica de a adquirir para prover à sua conservação e para nela instalar um museu, onde se arquivem alguns despojos do espólio de um passado opulento e magnífico.

Braga

MANUEL MONTEIRO

Tipos do Minho

O «Zé Pila» (Paredes-de-Coura)



—Uma 'smolinha p'rò binho!

(Desenho do DR. VERJÍLIO FERREIRA)

Areaes em flor

*Aquí, á beira mar, perto da minha casa,
Nestes dias de julho e sob um sol de braza,
Todo o areal floriu, maravilhosamente,
Em lírios brancos duma graça alvorecente.*

*A areia d'oiro escalda e sequiosa scintilla:
A onda, desfranjando a túnica tranquilla,
Nem vem matar-lhe a sede: é uma renda de espuma...
Côr de lilaz, no poente, esvoaça uma bruma;
E o ceu é azul, o mar é azul, e o vento apenas
O enruga, como um leve acariciar de pennas...
Cada rocha refulge e é lisa como um cráneo,
E este ruidoso mar lembra um mediterrâneo,
Com reflexos de esmalte e gorgorões ondeantes
Á luz que jorra num dilúvio de diamantes.*

*E para além a duna estende-se em barrancos,
Com a graça lunar dos frescos lírios brancos.*

*Em pleno exílio, em longa febre tormentosa
Que fontes haverá? Quem sabe se uma rosa
Não abriu uma vez a perfumar os gélos!
Nas minas ha filões da côr dos teus cabellos,
Minha filha, que ris e enches tudo d'amor.
Numa caveira nasce ás vezes uma flôr...*

*Nas areias a arder, os lírios encantados,
Que parecem de luar, nem de leve crestados,
São como em nós a flor eterna de poesia,
Sempre a desabrochar na immensa ruïnaria
De illusões a cair, como princezas mortas...
E vós todos que amaes, que ides bater ás portas
De ferro, o olhar febril e o gesto agonizante,
Vinde ver este areal hostile e chamuscante
Como teve tambem um sonho prodigioso,
Um sorriso de luz duma candura ethérea,
Que nos está a fallar do bálsamo amoroso
Que a natureza tem para a maior miséria...
Vinde aprender a amar e a procurar na vida
A flor que ella nos tem quasi sempre escondida;
Vêde se ha coração, por mais negro e fechado,
Onde não possa abrir esse lírio nevado,
—Que a própria areia cria, e a que o vento de Deus
Leva o perfume pelo mar e pelos ceus...*

Foz-do-Donro

JÚLIO BRANDÃO

MAXIMAS E PROVERBIOS

À primeira vista, nada mais luminoso para ensinar o caminho dos sãos juizos que o conhecimento das sentenças moraes deixadas pelos que muito viveram e bem pensaram; e os proverbios, os adagios, os rifões e os anexins—cristaes da verdade talhados na experiencia—contendo a maxima lição parece que deviam divulgar o maximo proveito. Engano! Ninguém ouve o conselho das maximas, como ninguém se absorve na amadurecida sabedoria de um rifão, que para tantos não excede o aspecto de um aviso. Avisos! Para quê, se são

mais as orelhas tontas que as prudentes? Nascer é ser condemnado a viver; e viver é percorrer a fatal trajectoria do devaneio á desillusão, do erro á verdade, do peccado á virtude—da mocidade á velhice! Cada homem nasce nu de saber, e morre rico da experiencia que adquiriu vivendo, mas de que tarde se aproveita, pois, como os bens da fortuna, a lição da vida leva mais tempo a ser amealhada que a ser gosada!... Ninguém aprende senão por si. A experiencia dos outros a raros é prestavel. O homem é um ser orgulhoso: ama-se e confia. O bom-senso dos proverbios pisa em terra firme, e as azas da mocidade, leves e atrevidas, voejam temerarias! A mocidade é a pior das más companhias que nos fazemos. Ella aprende gastando-se, e quando chega a saber já nem é mocidade:—é começo de velhice. Ah, a vida é preciso andá-la, e cada um por seu pé.

*

* *

Os Theogonis, os Pythagoras, os Marco-Aurelios, os La Rochefoucaulds,

CONTRASTES



—Eu é que dou a «sorte»...

(Desenho do DR. LUÍS FILIPE)

os Pascaes, os Montagnes, os Chamborts, os Jouberts, emudecem-nos em cerradas cogitações, fecundando-nos o tino com a irradiação do seu espirito; mas a nossa melancolica concordancia com tal pensar, isto é, com as conclusões a que chegaram, não significa senão que a vida se nos deparou como a elles, e que na hora tardia em que os lemos nos arrependemos de não haver seguido aquillo em que esses mestres insistem.

A mocidade não lê nem ouve maximas moraes, pelo mesmo motivo por que não busca a conversa justa da gente idosa; e, no entanto, só essa, porventura, lucraria com tal saber, pois que os velhos, desgostosos, vindo do convívio da fera egoista do ardiloso homem social, chegam por si ás mesmas scepticas reflexões desses auctores; e, como elles, concluem que a vida é traiçoeira, que o homem é fraco, que as paixões são eloquentes, que menos soffre quem mais renuncia, e que menos se engana quem menos crê no bem. E esta gelada conclusão pessimista ao sair da vida não é erro menor que a aspiração optimista ao entrar nella! Uma enregela, outra escandece—ambas são enganos e perturbam. Mas á mocidade é indispensavel a fecunda mentira optimista, e á velhice não pesa a persuasão do pessimismo!... Portanto, todas essas regras ensinando o homem a prevenir-se contra embuscadas, a enxergar sophismas, a argueirar manhas, a desfazer mentiras, emfim a adverti-lo de perigos—todo esse saber—chega tarde á alma do luctador. Não o previne: confirma-o no que elle já conhece, naquillo em que já cogitou.

As maximas não prestam serviços aos homens: quando muito, encham de applauso o gnomico auctor que soube resumir o pensar de muitos e enunciar-lo em concisas expressões lucidas. Inuteis os proverbios: não passam de engenhos de fórmulas roladadas pelo tempo; são conceitos embalsamados; phrasas mumificadas; palavras mortas. Só a vida é mestra. Cada homem vivendo vive em si a humanidade inteira; e ao morrer tem composto, por sua propria reflexão, um livro de sentenças—inconsciente plagio dessas outras considerações herdadas e de que se não servira! A vida é preciso andá-la e cada um por seu pé!...

Espinho

ANTHERO DE FIGUEIREDO



ABITAÇÕES CASTREJAS DO N. DE PORTUGAL.

—UMA IPÓTESE DA SUA RECONSTITUIÇÃO.

AGRADECENDO a onra com a qual os fundadores da LÍMIA se lembraram do modesto trabalhador que vem contribuir com o presente escrito para a apresentação desta garbosa revista, cumpre-me, antes de mais, sacrificar pela fecundidade intelectual e civilizadora do novo lidador desta cruzada do progresso, onde tam diferentes armas de paz se podem empunhar, sempre debaixo do mesmo pendão benéfico.

Á muitos anos que Viana olhou para aquele manto de urzes, donde repontavam aqui e além alicerces mesquinhos, circunscritos mais ou menos completamente por ciclópica muralha e, com acertado desvanecimento, quis ver ali os laes, donde desceram os primeiros incolos do rincão vicejante em que oje se arrua a mais linda cidade de Portugal. Quis evocar esses séculos antigos e compreendeu que ás ciências históricas cabia a missão de lhe desnudar aquelas ruínas e reconstituir as arcaicas moradias.

Sem maior preâmbulo, é o plano de uma dessas cabanas restauradas que eu venho apresentar aos leitores da LÍMIA.

Por circunstâncias, em que o acaso mais pesou que a minha débil competência, fui incumbido em principios do ano findo pelo benemérito vianense António T. Quartín de estudar o tema da reprodução material de algumas abitações castrejas do ópido de Santa Luzia.

Em uma visita que fiz mais tarde ás ruínas, escolhi um grupo de alicerces, onde se me afigurou que eu poderia dar em conjunto as várias formas construtivas, que caracterizariam as antigas povoações de que existem vestígios palpáveis em vários outeiros do norte de Portugal, como em Briteiros, Sabroso, Saufins, Monte-Rondono, etc. Esse grupo consta de 4 circuitos de paredes envolidas quasi por completo em outra parede vedatória, constituindo por assim dizer este conjunto uma espécie de bairro, de quarteirão do ópido, ou de *vila* de algum maioral castrejo, bastante adequada a uma reconstituição tal como eu a cojitava. Não venho apresentar os quatro projectos correspondentes, por óbvia atenção para com redactores e leitores da LÍMIA, mas um apenas. O grupo, a que me refiro, constaria de três abitações distanciadas entre si metro e meio e alinhadas de O. a L. com uma quarta ao S. da terceira e a 0,70 de separação; para a presente noticia eu destaco a segunda do alinhamento, descendo de O.

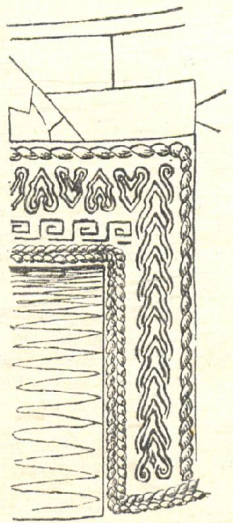
Precedendo a esposição do meu projecto, desejo dizer que a época, a que podem reportar-se as reconstituições, se inicia com o séc. IX-VIII a. C. e finaliza indelicadamente com a posse romana das povoações castrejas. É aquella a data proposta por Cartailhae e creio que pelo grande mestre falecido, Martins Sarmiento. Ficam pois escludas as influências romanas e com esse pensamento fisco procurei dar nos meus projectos uma arquitectura puramente ante-romana, tendo-a estudado com algum cuidado nos próprios lugares das ruínas e nalguns museus portugueses. Temendo-me de fantasias, cinji-me estritamente aos elementos autênticos, aos documentos orijinaes, uns conhecidos já, outros inéditos, em vésperas porém de divulgação. Encontrei muitos e muitos casos omissos; da maneira por que os resolvi, a critica me tomará contas; estou porém com a consciência segura de que não cometi anacronismos. Bem ou mal, de tudo encontrei um fundamento na etnografia do passado e até na do presente, porque a esta me vi também compelido a recorrer, á falta de indicação arqueológica.

A abitação, de que vou occupar-me, devia ter constado de uma cabana circular com vestibulo ou alpendre á frente. No alicerce existente, mede-se o diâmetro interno de 4,60 e de grossura das paredes 0,40 a 0,48. Restritas eram as comodidades destes nossos avós, cuja vida aliás seria toda vivida ao ar amplo das montanhas bosquejantes e das culturas pratenses das ribeiras!... Esta choupana tinha porém o supremo conforto de um largo alpendre, adeante da porta, tam largo e tam farto que se enquadrava na superfície interna de 4,70×1,70 com muros de 0,40 de grossura! Estas são as dimensões da planta dos alicerces ainda lá existentes. O ádito deste palacete ficava a SSE. Cautelosos com as mortadas inclementes, os abitantes dos nossos alcandorados ópidos talvez só rompessem o aro

das suas paredes com uma abertura cálidamente orientada a L. ou a S., quasi sempre de elevada soleira e apoucadas dimensões. (1)

São intançíveis as ruínas antigas, e com este preceito quem quisesse *reconstruir* ficava adstrito a nada *destruir*. De ali para cima ergue-se o novo, o ipotético. Audazmente, nas quatro abitações projectadas, infrinjo o mandamento. Porquê? Porque os promotores e perpetuadores desta empresa... de história aplicada querem obra segura e duradoura, não dispoño dos lazeres inesgotáveis dos antigos castrejos para a continua reparação das cabanas; porque no cêrro de Santa Luzia abundam os alicerces de primitivas abitações para o estudo e observação dos investigadores, não causando dano algum científico a *substituição* de 4 alicerces orijinaes, mas quasi desagregados, por outros tantos imitantes, mas sólidos e seguros. Por baixas que fossem as abitações, nada se poderia fazer de sério e duradouro com o aproveitamento de paredes que o tempo quasi desconjuntou e que se sustentam por terem apenas poucos palmos de altura. Respeito as espessuras orijinaes das paredes, o aparelho primitivo, e o lugar exacto dos edificios. Mais não posso. Não é pois em rigor uma *reconstrução* o que se planeia, mas uma *reconstituição* de algumas abitações primitivas sobre os próprios locais delas. Mas isto é uma distinção algo bizantina, pois que para o olho do visitante o aspecto que se procura imprimir aos novos edificios é o genuinamente primitivo, tanto no todo, como nas partes.

O primeiro problema que me surtiu e o primeiro caso omisso nos elementos de estudo de que me rodeei, foi logo o da altura das casotas. Deixaram-no irresolvido os trabalhos colossais de Sarmento. Não foram melhor secundados os de outros pesquisadores. E contudo o autor dos projectos para Santa Luzia tinha de tomar uma resolução.



Porta ornamentada da casa B (desenho sumário).

que apresentei os planos, esforcei-me por apresentar portadas, em que esta preocupação decorativa se patenteasse com o mais absoluto respeito pelo estilo citaniense.

As notáveis explorações do dr. Santos Rocha em Santa Olaia levaram-no a presumir uma altura de 3,20. Os irmãos Siret na Espanha aventam 3,50. Dos destroços da Citânia apenas se infere que as paredes tinham para cima de 2 metros de alto. Entre os restos antigos do castro de Cendufe (Arcos-de-Valdevez) encontra-se uma construção circular, que modernamente se aproveitou sem que a sua altura fosse modificada, ao que parece, e aí medi eu 3,80 de alto, sendo o diâmetro interno 3,60.

A casa, cujos planos aqui apresento aos leitores, tinha de diâmetro interno 4,60; julguei pois que não perpetraria levandade em lhe assinar a altura de 3,80 nas paredes esternas.

O acidente architectónico, que mais fere a atenção do observador destas construções castrejas, é a ornamentação característica das portadas. Parece que nisto faziam consistir os artistas daquelas eras todo o luxo decorativo das abitações principais. Certamente que a maior parte das cabanas era de aparência simples e desornada. São sempre em menor número os favorecidos da fortuna; isto é de todas as épocas. Mas creio que não satisfaria a curiosidade de quem subisse a Santa Luzia para ver uma reprodução das povoações castrejas, deparar-se-lhe meia dúzia de choupanhas circulares com tetos de palha e portadas de granito toscamente desbatado, tais como ainda as poderia oje topar. Por isso, nas quatro abitações de

(1) A existência de janelas ou postigos é apenas indicada por uma observação de M. Sarmento que na Citânia encontrou uma soleira que «não podia ser de porta». Tanto basta para eu dar uma fresta a esta casa.

Claro que os motivos adoptados se filiam no estudo que deles fiz nos restos que são conhecidos da arqueologia portuguesa e noutros que, mercê das minhas occupações, conservo inéditos contra minha vontade, bem como no estudo sincero das orijens desta curiosíssima arte architectónica.

Nem um só traço inventei; nem uma só combinação fantasiei; tudo tem seu fundamento e esemplar que oportunamente esporei.

Reduzidos como eram os vivos das entradas destas choupanas, entrariam dobrados por elas dentro os seus abitadores; não podiam aqui esquecer os cânones fornecidos pelas ruínas dos castros; a porta da abitação, de que me estou occupando, mede por isso $1,57 \times 1,01$.

O vestibulo é uma dependência interessante de algumas destas choupanas. Seriam acaso descobertos muitos deles—uma espécie de quinteiros ou quinchosos; outros porém deviam ser cobertos por um teto. E dêste jênero o que reconstituo. As paredes mais estreitas dêstes recintos dão a entender que deviam ser ainda mais baixas que as da abitação ou sustentar menor pêso. Além disto, do já referido castro de Cendufe existe no Museu Ethnolójico Português um paralelepípedo de granito, fragmentado em dois, e literalmente lavrado de ornamentação característica nas suas quatro faces. Influenciado por outros fundamentos, que por brevidade agora omito, entendi que essas curtas colunas de secção quadrada poderiam ter o destino sujerido pela disposição dêstes recintos relativamente às abitações. E nesta hipótese, conservando a entrada da casa a meio da parede frontal e dando às três paredes do alpendre uma altura coadunável com a do esteio ornamentado de Cendufe (0,60), de tal forma que o conjunto da construção secundária não ultrapassasse a altura da principal, desenhei a planta e alçado do vestibulo, de que me occupo, debaixo de uma inspiração que me parece justificável.

Um dos problemas mais sérios da minha tarefa era o dos tetos destas moradas. O estudo das nossas estações clássicas do norte coisa alguma me fornecia, além do aparecimento em Sabroso de umas lascas de xisto, com que Sarmento presumia que algumas choupanas eram cobertas. Mas embora este sistema ainda estejam em uso nas nossas montanhas, porque, como disse M. Sarmento tam sentenciosamente, o passado está mais perto de nós do que supomos, eu não poderia adoptar para as quatro reconstituições de Santa Luzia esta árida uniformidade de tetos de pedra. E então tive de me valer dos elementos fornecidos pelas noticias da literatura antiga a respeito da Lusitânia, pelos resultados colhidos nas importantíssimas explorações archeolójicas dos nossos dias na Grécia, na Itália, na Bélgica, na França e na Espanha, e pela minha própria observação nos achados de que tenho conhecimento de orijem archeolójica e ethnográfica, procurando combinar, sem anaenonismos e com critério, os elementos aproveitáveis.

Pretendi apresentar para as quatro abitações quatro variedades de tetos que deviam ter sido usados, entre outros absolutamente sinjelos, na época a que pertence a existência dos nossos ópidos e na rejão climática a que se ligam.

E assim, para a casa de que estou apresentando os planos, escolhi o seguinte: —Teto de abitação circular, esteriormente feito de couros crus, assente sobre uma cançada que por sua vez se apoia no respectivo madeiramento de barrotes, trabalhados sumariamente não à serra mas a machado. Este teto que tem uma forma convesca num sentido, cónica no outro, é protegido por dez barrotes encruzados pelos estrêmos superiores como nas urnas-cabanas da Itália e nas actuaes cabanas dos campos, mas um pouco estilizados. Seria este um teto lúxuo, reservado para abitações mais custosas; mas não constitui fantasia pessoal.

Estas e outras particularidades dos meus projectos serão fundamentadas com os necessários argumentos na monografia que preparo sobre o assunto.

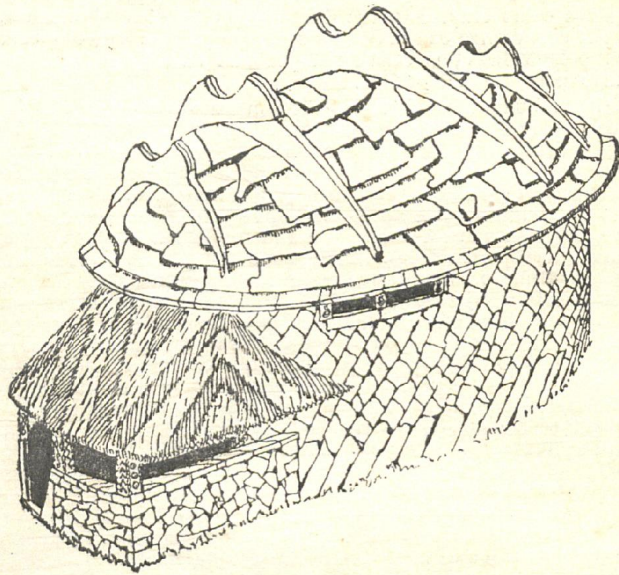
O teto do alpendre terá carácter mais comum. Colmo e jiesta, aproveitando-se a diversa coloração dêstes vegetais para imprimir à cobertura uma nota artística, embora sinjela, mas cujo estilo o estudo da antiguidade permite.

Em todas as minudências, eu escluo a influência da civilização do Lácio, para dar ao recanto do velho ópido um carácter acentuadamente arcaico e pre-romano. Assim a *tégula*, isto é, a telha de rebôrdo, que os castrejos só conheceram depois que os sacudiu a cultura romana, foi por mim intransijentemente escluída dos telhados das abitações lusitanas, tais como eu as conjecturo.

Por último, desejo ainda dizer que é uma hipótese o que apresento,—ipótese que porém defendo e fundamento com a convicção sincera de não cometer anaenonismos nem absurdos. Não tenho a pretensão louca de não errar; mas es-

forcei-me por corresponder, o menos inesactamente possível, à responsabilidade de que me investiram, sem que eu tivesse podido, pelo conhecimento da minha mediocridade, escusar-me a uma tarefa aliás própria do cargo que exerço.

Felizmente o jeneroso Mecenas, que me veio erguer do meu remanso, quis su-



Esboço do aspecto exterior da casa B. segundo o plano de reconstrução de um grupo de quatro casas no ópido de Santa Luzia.

jeitar o meu trabalho à chancela dos que competência e autoridade oficial desfrutam para julgar dêstes casos.

Não sou vianense como cidadão, sou-o porém como afastado suburbano; Viana é a capital do meu distrito. As águas que ao Lima correm umedececeram simultaneamente as encostas dos numerosos *castros* da minha terra e a raiz do ópido que Viana agora quer glorificar; de uma das mais importantes e antigas estações pre-istóricas do meu concelho (1) avista-se oje como outrora o arjenteo estuário do Lima até à sua foz; outrora como oje éramos todos ribeirinhos das mesmas águas, que sempre foram a primeira estrada que a natureza impunha às relações dos omens.

Eis por que dediquei com amor o meu trabalho ao mesmo bizarro empreendimento daquele cidadão benemérito que o propulsa e bafeja.

(Desenhos do autor)

Estoril, X—1910.

F. ALVES PEREIRA

(1) Penacova, freguesia do Vale, concelho dos Arcos. Estação da época de bronze; ainda em exploração e estudo. O seu espólio está no Museu Etnológico Português.



O rádio puro

Os dois ilustres sábios, senhora Curie e Debiérne, descobriram o rádio puro, submetendo o brometo de rádio a diferentes processos electrolíticos.

Obtiveram assim um amálgama de onde extraíram, por distilação, o rádio no estado metálico.

O busto de cera do Museu de Berlim

O Museu de Berlim adquiriu, no ano que passou, um busto de cera, representando uma cabeça de Flora e atribuído a Leonardo de Vinci.

À pouco tempo, descobriu-se que o seu autor fôra um artista inglês do século passado.

A exposição de Bruxelas

Na noite de 14 de agosto, o fogo irrompeu, bruscamente, no pavilhão belga. Logo passou à secção inglesa e depois à francesa.

Apesar de todos os esforços, em breve os três importantíssimos pavilhões ficaram completamente destruídos. Pouco mais de um mês se passou, e a Inglaterra, a França e a Bélgica de novo apresentam, brilhantemente, os produtos da sua arte e da sua indústria!

Alberto Vandal

Morreu o eminente historiador francês Alberto Vandal, membro da Academia e professor de história diplomática na *Escola das Ciências Políticas*. Os seus principais livros são:—*Napoléon et Alexandre 1er*, e *L'avènement de Bonaparte*.

Kainz

Morreu em Viena o célebre trágico Kainz, mestre do teatro alemão moderno.

Frémiet

A França perdeu um grande escultor. Faleceu Frémiet, o mestre da escultura decorativa francesa, e cuja obra é importantíssima.

J. P.

Estudos istóricos na Espanha

Resolveu a «Junta para ampliación de estudios e investigaciones científicas», de Madrid, organizar uma série de trabalhos istóricos relativos à Espanha.

Os primeiros serão:

I—*Instituciones sociales y políticas de León y Castilla*. Edición de una COLECCIÓN CRÍTICA de diplomas públicos y privados de los siglos IX al XII, bajo la dirección de D. Eduardo Hinojosa.

II—*Trabajos sobre arte mozárabe y morisco*, bajo la dirección de D. Manuel Gómez Moreno.

III—*Orígenes de la lengua española*, estudiados en los diversos dialectos leonés, castellano y aragonés, bajo la dirección de D. Ramón Menéndez y Pidal.

Trabajos en las provincias de León, Zamora y Salamanca, para fijar los límites del gallego y el portugués, y señalar los de los principales rasgos fonéticos del leonés.

Do ilustre secretário desta «Junta», snr. Domingos Barnés, temos promessa de informações respeitantes aos trabalhos da valiosa academia espanhola.

Tratamento da sífilis

Ehrlich pretende ter descoberto a cura da sífilis. O método consiste em injeções intra-musculares ou intra-venozas de *diócsi-diamido-arseno-benzol* ou *606*. Porora nada se pode dizer do valor do método de Ehrlich.

C. B.

AOS ASSINANTES:

—A cobrança das assinaturas (série de 6 meses) será feita de 15 a 20 de outubro. Muito gratos ficaríamos àqueles que, poupando-nos trabalho, nos enviassem até o dia 15 do corrente, por vale ou em estampilhas, o importe da sua assinatura.

Todas as despesas de cobrança são por conta do assinante.

—Quem receba o 1.º número desta revista, e o não devolva, é considerado assinante.

Casas depositárias da "Címia,, em Portugal:

Em Lisboa—*Tabacaria Mónaco*, Rossio, 21.
No Pôrto—*Livraria Magalhães & Moniz*, L. dos Lóios, 10-14.
Em Coimbra—*Livraria Moura Marques*, R. Ferreira Borjes, 171.
Em Braga—*Livraria Cruz & C.ª*, R. N. de Sousa, 127-133.

Aceitam-se agentes nas outras localidades

Nos próximos números:

ARTIGOS DE

A. Braancamp Freire, dr. Afonso Lopes-Vieira, dr. Álvaro de Castro, António Arroio, dr. António Patrício, A. R. Gonçalves Viana, dr. Brito Camacho, D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Delfim Guimarães, Diego Dublé Urrutia (*escritor chileno*), D. João de Castro, Eduardo Sequeira, Eujênio de Castro, dr. F. Alves Pereira, dr. Fialho de Almeida, dr. F. Teixeira de Queiroz, Guedes de Oliveira, dr. Guerra Junqueiro, Guilherme Gama, dr. J. M. Teixeira de Carvalho, João Gouveia, José Vale (*João Verde*), dr. José de Figueiredo, dr. Júlio Dantas, Justino de Montalvão, dr. Luis de Magalhães, Pedro A. de Azevedo, dr. Pedro Vitorino, Philéas Lebesgue (*escritor francês*), D. Rafael Altamira (*escritor espanhol*), Raul Brandão, dr. Silva Gaio, Sousa Viterbo, dr. Teixeira de Pascoais, dr. Teófilo Braga, D. Virginia de Castro e Almeida, dr. Xavier da Cunha, etc., etc..

DESENHOS DE

António Augusto Gonçalves, Cristiano Cruz, Cristiano de Carvalho, F. Correia Dias, Francisco Valença, dr. Jorje Cid, dr. Luis Felipe, Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro, dr. Manuel Monterroso, dr. Verjílio Ferreira, etc., etc..

A *L/MIA* iniciará no próximo n.º a SECÇÃO BIBLIOGRÁFICA. Nela se dará notícia de todas as obras recebidas, sendo, essa notícia, crítica quando nos sejam enviados dois exemplares.

AGÊNCIAS COMERCIAIS E MARITIMAS
Joachim L. G. Moreira & C.ª
Vendas de passagens para o Brasil e África. Passagens a bordo de navios. Tratam-se de licenças e reservas de 1.ª e 2.ª classe para todas as partes. Despachos de vinhos e outras mercadorias para todas as partes. Comissões, consignações e c. própria etc.
Praça da Rainha, 37. Viana-do-Castelo

MATERIAL PARA TIPOGRAFIA
Pedro José de Lima
R. do Governo, 38-2. Viana-do-Castelo

Valores Assinalados
Publicação mensal. Preço 60 réis.
Lisboa

LIVRARIA ACADÉMICA
Moura Marques
Rua Ferreira Borjes, 171. Coimbra
Estas obras, lançadas em 1900, tem sempre as mais recentes novidades literárias e científicas, portuguesas e estrangeiras, respondendo diariamente pelo cortejo de novidades de maior interesse para o que tem correspondentes em todos os países da Europa. Salta de pronto toda a publicação, encomenda que lhe seja feita de livros ou jornais científicos e literários, aceitando assim, para todas as qualidades de periódicos e revistas. Responde na volta do correio a qualquer pergunta que lhe seja dirigida.

Compromete-se sempre pela entrega, jeral de todo o serviço. A livreria, pois que nada é esculpido sem que previamente se verifique e autorizado pelo proprietário.

Todos os meses fornece Bibliografias aos seus clientes e a quem lhe pedir.

Comissão de 10% sobre o valor das obras.

Comissão de 10% sobre o valor das obras.

AVANÇADO COLLEJO VIANA
Rua de S. Sebastião, 65
Livraria Académica
Moura Marques
Rua Ferreira Borjes, 171
Comissão de 10% sobre o valor das obras.